

ESTUDO DIRIGIDO

DIDÁTICA E CULTURA DIGITAL



Ilustração: Folha de S. Paulo

Nos últimos tempos, muito se discute sobre o impacto da internet e das telas no desenvolvimento psicológico e socioemocional de crianças e adolescentes em diversos países.

Recentes pesquisas e publicações têm apresentado dados e reflexões sobre uma série de doenças e transtornos mentais que acomete o público infanto-juvenil a partir de 2010, sobretudo, com a ampliação do acesso à internet rápida, redes sociais, jogos virtuais etc. Tal fenômeno também apresenta importantes repercussões no ambiente escolar.

Reportagem especial do Jornal “Folha de S. Paulo” publicada em 01/06/2024 destaca que “Registros de ansiedade entre crianças e jovens superaram os de adultos pela 1ª vez no Brasil”. Cf. a íntegra do texto:

*Pela primeira vez na história, os registros de ansiedade entre crianças e jovens superaram os de adultos, mostra análise da **Folha** a partir da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do SUS de 2013 a 2023, período com dados disponíveis.*

Com um crescimento expressivo nos últimos anos, a taxa de pacientes de dez a 14 anos atendidos pelo transtorno é de 125,8 a cada 100 mil, e a de adolescentes, de 157 a cada 100 mil. Já entre pessoas com mais de 20 anos, a taxa é de 112,5 a cada 100 mil, considerando dados de 2023. A situação dos mais jovens passou a ficar mais crítica do que a dos adultos em 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO II
MATÉRIA: DIDÁTICA E PRÁXIS PEDAGÓGICA I
DOCENTE: ANTONIO LIMA DA SILVA

Não há apenas uma causa que motive esse aumento, mas alguns apontamentos são comuns para especialistas e citados em diferentes estudos: crises econômicas, climáticas, autodiagnósticos simplistas e uso excessivo de celulares e jogos.

"Estudos diversos e rigorosos mostram uma piora na depressão e na ansiedade, e a pandemia se mostrou muito pior do que os estudos previam", avalia Guilherme Polanczyk, psiquiatra da infância e adolescência e professor da Faculdade de Medicina da USP. "Mudanças culturais e sociais fortes aconteceram na última década, e muitas associadas às redes sociais, embora seja perigoso atribuir o problema só a elas."

Além da popularização dos transtornos e do maior acesso às informações, Polanczyk afirma que há também o aumento de distorções sobre esses transtornos. "Influenciadores têm simplificado esses transtornos cada vez mais nas redes sociais. Ansiedade é uma emoção que faz parte do repertório humano, todos nós sentiremos em algum nível, assim como a tristeza, que não significa depressão."

De modo geral, dados mostram que a piora em índices de saúde mental se acentua a partir da segunda década dos anos 2000. Além do maior acesso à informação pela internet, o período é marcado pela popularização do smartphone, com as câmeras frontais para selfies, das redes sociais e dos jogos online.

Há anos, estudiosos se debruçam sobre a relação entre a tecnologia e o comportamento humano, em especial entre crianças e adolescentes, que ainda não desenvolveram todo o sistema de autocontrole. Já se sabe, por exemplo, como as redes sociais têm mecanismos designados a viciar, e não à toa já existe lei para proibir o uso dessas plataformas antes dos 14 anos, caso da Flórida, nos Estados Unidos. Em São Paulo, deputados estaduais passaram a discutir a proibição de celulares nas escolas.

Um dos autores com este foco é o psicólogo americano Jonathan Haidt, que escreveu "A Geração Ansiosa: Como a Infância Hiperconectada Está Causando uma Epidemia de Transtornos Mentais" (Companhia das Letras, 440 páginas, R\$ 74,90). O livro chega ao Brasil no início de junho e há semanas é um dos mais vendidos nos Estados Unidos.

Na obra, Haidt propõe que a superproteção dos pais no meio offline, aliada à total liberdade no mundo online, estaria ajudando a formar uma geração ansiosa e com padrões de comportamento muito diferentes dos estabelecidos por centenas de anos no convívio em sociedade.

Para comprovar sua tese principal, de que o celular é parte essencial da crise global de saúde mental entre menores, Haidt apresenta índices de transtornos psíquicos em diversos países —estes revelam uma piora significativa em casos de suicídio, ansiedade, depressão e nas emoções de forma geral. A partir dessa constatação, ele investiga as causas do fenômeno e as atribui ao uso de celulares.

*O livro traz índices para Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Austrália, Nova Zelândia e países nórdicos. Não há dados para o Brasil; então, a **Folha** adaptou alguns levantamentos para a realidade local.*

A incidência de transtornos e indicadores relativos à saúde mental foi investigada a partir de três bases de dados. A notícia não é boa: o Brasil segue a mesma tendência de piora para casos de suicídio, lesões autoinfligidas, ansiedade, depressão e sentimentos negativos de adolescentes no convívio escolar.

No caso do suicídio, problema historicamente mais masculino, um dado chama a atenção. Há uma evolução do problema entre meninas de dez a 14 anos, com alta de 221%, de 2000 a 2021, contra aumento de 170% dos meninos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO II
MATÉRIA: DIDÁTICA E PRÁXIS PEDAGÓGICA I
DOCENTE: ANTONIO LIMA DA SILVA

Outra conclusão preocupante é uma queda no chamado senso de pertencimento escolar. No Brasil, 91,4% das crianças diziam fazer amigos com facilidade na escola no início do século, número que caiu para 86,3% em 2012 e despencou para 69,6% em 2022. A informação vem do Pisa, programa internacional de avaliação de estudantes coordenado pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico).

A sensação de solidão também cresceu. Em 2000, 8,5% dos alunos afirmavam que se sentiam sozinhos. O número saltou para 26,6% em 2022. Além disso, no começo do século, só um em cada 20 estudantes se sentia estranho ou excluído. Em 2022, esse sentimento foi relatado por dois em cada dez alunos.

A Pesquisa Nacional de Saúde feita pelo IBGE mostra que a incidência de depressão cresceu em todas as faixas etárias entre 2013 e 2019, anos com dados disponíveis. Entre pessoas de 18 a 21 anos, a taxa de depressão passou de 2,47% para 6,23%, aumento de 152,5%.

Para os indivíduos com 22 anos ou mais, a taxa aumentou de 8,12% para 10,57%, crescimento de 30,2%. Embora a depressão ainda seja menos comum entre os jovens do que nos adultos, essa aceleração está diminuindo a diferença.

O aumento de transtornos e do sentimento de solidão pode indicar dois caminhos: ou os jovens estão falando mais de suas emoções e procurando mais ajuda do que no passado, ou estão fazendo e recebendo diagnósticos errados.

"Embora o estigma sobre falar de saúde mental tenha diminuído, temos um novo risco, o do superdiagnóstico em um sistema de saúde que tem muitas fragilidades, como tempo escasso dos profissionais e uma simplificação excessiva. O risco é de um aumento expressivo, mas isso não significa que temos esse aumento tão grande de transtornos", diz Polanczyk, da USP.

É preciso ponderar que, mesmo que haja um excesso de diagnóstico, os índices mais graves, como de lesões físicas cometidas pela própria vítima e suicídio, também aumentaram mais entre os jovens do que entre os adultos.

Segundo o SUS, houve uma alta maior entre meninas de dez a 14 anos em casos de suicídio e em internações de lesões do tipo, cujas notificações passaram a ser obrigatórias em 2011. Além disso, atendimentos de depressão tiveram alta de 663% nessa faixa etária contra alta de 301% para os meninos da mesma faixa etária. Em relação a ansiedade, o aumento foi de 398% para meninas dessa faixa ante 251% dos meninos. Já no grupo de 15 a 19 anos, somente em casos de suicídio homens tiveram um aumento maior.

"Sabemos que meninas vão sofrer um efeito maior, especialmente se estiverem consumindo conteúdos que vão mexer com a autoestima delas, com a questão corporal, ou se elas passam por violências dentro das redes sociais", afirma a psicóloga Karen Scavacini, fundadora do Instituto Vita Alere de Prevenção e Posvenção do Suicídio e mestre em saúde pública na área de saúde mental pelo Karolinska Institutet, na Suécia.

Ela diz que, para a maioria dos jovens, o celular virou uma "extensão do braço". "A forma de uso e a relação desse jovem com a tecnologia é diferente da nossa. Eles precisam dessa sociabilização, e essa sociabilização tem acontecido muito pelas redes. Mas, infelizmente, eles ainda não sabem lidar com o que acontece lá dentro."

Para ela, o uso de mídias sociais sem orientação ou conscientização, combinado ao tempo de exposição às telas, pode ser relacionado a comportamentos de autoagressão, sintomas depressivos e de ansiedade, estresse, baixa satisfação com a vida e baixa autoestima. Além disso, crianças também se espelham nos pais, que precisam se educar sobre o tempo de tela na frente dos filhos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO II
MATÉRIA: DIDÁTICA E PRÁXIS PEDAGÓGICA I
DOCENTE: ANTONIO LIMA DA SILVA

Candice L. Odgers, professora de psicologia da UC Irvine, na Califórnia, discorda do papel central da tecnologia na piora da saúde mental e afirma que Haidt distorce estudos para adequá-los à sua tese, segundo publicação de sua autoria na revista Nature. Ela sugere outros fatores, como discriminação estrutural, dificuldades econômicas e a epidemia de opioides, no caso dos Estados Unidos, como verdadeiras causas.

O autor contra-argumenta. Diz que as explicações de Odgers não se ajustam aos dados tão bem quanto a popularização dos smartphones e das redes sociais, que coincidem com a piora expressiva da saúde mental dos jovens em vários países.

"O ceticismo dos céticos seria mais convincente se tivessem uma explicação alternativa para o declínio global na saúde mental que ocorreu no início da década de 2010, mas eles não têm", disse.

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/folhateen/2024/05/registros-de-ansiedade-entre-criancas-e-jovens-superam-os-de-adultos-pela-1a-vez.shtml>

Ainda sobre o assunto em tela, matéria recente publicada pelo "Jornal da USP" (edição online) destaca "Uso indiscriminado de celular na sala de aula começa a ser combatido". Cf. o texto:

Permitir que estudantes acessem o celular durante o período das aulas pode gerar problemas no aprendizado. O aluno pode desenvolver um comportamento vicioso, com foco no que está na tela do celular, trazendo problemas de atenção. Isso ocorre porque os jovens entram em diversos links ao mesmo tempo, fazendo com que haja um processo de fragmentação da atenção, dificultando o foco do aluno. Por causa desses problemas, o aluno não consegue desenvolver as atividades expostas pelos professores. A análise é de Antônio Álvaro Soares Zuin, psicólogo pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da USP e professor do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Para evitar esse problema, algumas escolas privadas e públicas do estado de São Paulo restringiram o acesso dos celulares às redes sociais, jogos e aplicativos de streaming por meio do wifi liberado pelas escolas. Isso já era imposto desde março do ano passado pela Secretaria Estadual de Educação. Porém, algumas escolas adotaram apenas este ano. Após a repercussão do decreto de proibição de celulares em instituições de ensino do estado do Rio de Janeiro, a Secretária Estadual de Educação de São Paulo emitiu um comunicado em que informa que a restrição de sites e aplicativos pelos alunos será ampliada.

Outra medida adotada foi a substituição do celular pelo tablet ou computadores na sala de aula. "Essa medida não resolve a questão porque a gente está vendo que existiria o mesmo consumo de telas, tal como antes, e a possibilidade também da fragmentação da atenção em vários objetos," afirma Zuin.

O especialista ressalta que o que se deve levar em conta é a qualidade da interação entre as pessoas. "Não pode ser ignorada a utilização de celulares pois a sociedade inteira funciona por este meio, mas a tecnologia não pode substituir a possibilidade da existência do contato físico entre os alunos e os alunos e professores," ressalta.

Zuin ressalta ainda a importância do papel dos professores e pais na vida das crianças. "Eles têm que assumir a sua posição de autoridade. Assim que houver a percepção de que as crianças não interagem mais entre si, professores e pais precisam intervir imediatamente." O professor explica a importância dos pais oferecerem um bom exemplo aos filhos. "Quando os pais se reúnem com os filhos num jantar e utilizam seus celulares, praticamente não olham para os filhos. Assim a criança faz com que cada vez mais esse comportamento vicioso se desenvolva. Os pais têm que ter consciência que os filhos não podem se tornar viciados. Esse é o grande desafio."

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO II
MATÉRIA: DIDÁTICA E PRÁXIS PEDAGÓGICA I
DOCENTE: ANTONIO LIMA DA SILVA

Fonte: <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/uso-indiscriminado-de-celular-na-sala-de-aula-comeca-a-ser-combatido/>

ATIVIDADE PROPOSTA

Com base nos textos supracitados e na leitura da introdução e terceira parte (Crônicas de um desastre anunciado) do livro “A fábrica de cretinos digitais” (2021) do neurocientista francês Michel Desmurget, responda, a partir de consenso do grupo, as seguintes questões:

1) Quais as principais constatações e recomendações de Desmurget sobre o uso de telas para o desenvolvimento infanto-juvenil e o desempenho escolar? Suas análises apresentam pontos de contato com o conteúdo das matérias jornalísticas que abordam a realidade brasileira? Justifique sua resposta.

2) Com base nos trechos abaixo, o que Desmurget conclui sobre a pretensa “revolução digital” no campo da educação?

“[...] Como o resumia [o mal-estar das telas] uma professora de Idaho, antiga oficial da polícia militar dos fuzileiros navais, “Eu lutei pelo meu país. Agora estou lutando pelos meus filhos [...]. Estou lhes ensinando a pensar com profundidade, pensar. Um computador não pode fazer isso. Um computador tampouco pode sorrir, acompanhar, guiar, consolar, encorajar, estimular, tranquilizar, emocionar ou dar provas de empatia. Ora, estes são elementos essenciais da transmissão e da vontade de aprender”.

“[...] “Sem você”, assim escrevia Albert Camus a seu antigo professor, após ter recebido o prêmio Nobel de literatura, “sem sua mão afetuosa estendida para a criança pobre que eu fui, sem seus ensinamentos, seu exemplo, nada disso teria me acontecido. Eu não faço alarde desta honraria, mas agora tenho pelo menos a oportunidade de dizer o que você foi, e ainda é para mim, e de assegurar que seus esforços, seu trabalho e o sentimento generoso que o acompanharam ainda estão vivos num de seus pequenos alunos que, apesar da idade, não deixou de ser seu aluno agradecido (p.105)”

3) Qual o posicionamento do grupo acerca da aprovação de leis que limitam o uso de celular e internet em salas de aula de diversos municípios e estados brasileiros?

4) Como professores e escolas podem desenvolver um trabalho pedagógico mais efetivo com telas e internet sem recorrer à sua proibição?